

INVESTIGAÇÃO SOBRE A INSERÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS ESCOLAS DE GUARAPUAVA – PR

AN INVESTIGATION ABOUT THE INSERTION OF ENVIRONMENTAL ISSUE IN ELEMENTARY EDUCATION IN TWO SCHOOLS OF GUARAPUAVA - PR

PLAVAK, Tatieli¹

KATAOKA, Adriana Massaê²

SURIANI - AFFONSO, Ana Lucia³

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar a inserção da temática ambiental no ensino fundamental, e as representações sociais de meio ambiente e Educação Ambiental de professores de duas escolas de Guarapuava - PR. Buscou-se os fundamentos da pesquisa qualitativa, utilizando a entrevista como instrumento para a coleta de dados. Os resultados revelaram que as representações dos professores sobre estes temas são muito genéricas, descontextualizadas e até mesmo ingênuas, as quais podem estar associadas à deficiência na própria formação e uma forte influência da mídia. Diversas iniciativas já acontecem nas escolas, tanto de forma disciplinar quanto interdisciplinar, embora os assuntos ainda sejam abordados pontualmente. Apesar dos problemas apontados, os professores demonstraram uma grande disposição em estarem abordando a temática. Essa investigação trouxe resultados importantes no sentido de subsidiar um projeto de Educação Ambiental nas referidas escolas que parta do diagnóstico apontado em direção de uma Educação Ambiental crítica e emancipatória.

Palavras chave: Educação Ambiental. Meio Ambiente. Representações Sociais.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the inclusion of environmental issues in elementary education and the social representations of environment and environmental education of teachers of two schools from Guarapuava-PR, Brazil. It was carried out through qualitative research, using interviews for data collection. The results demonstrated that the representations of the teachers about these subjects are generalized and, sometimes, naïve, which can be associated to the deficiencies in their education and to the media's strong influence. Although, various initiatives have already been developed in the school, it is approached in a timely fashion. However, despite the problems mentioned, the teachers expressed great deal of interest on environmental issues. The research revealed important results to subsidize a project about environmental education which might start with the diagnostic and moves toward a critical and an emancipatory environmental education.

Keywords: Environmental education. Environment. Social representations.

1 Mestre em Biologia Evolutiva pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. E-mail: tatieli_plavak@hotmail.com

2 Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: dri.kataoka@hotmail.com

3 Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: analuciabio@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática ambiental tem se configurado num dos problemas contemporâneos mais amplamente divulgado e debatido pelos mais diversos setores da sociedade. Devido a sua gravidade e amplitude, que extrapola fronteiras atingindo a dimensão planetária, a humanidade como um todo tem compartilhado dessa preocupação. A sua natureza complexa e polissêmica tem produzido discursos e estratégias bastante diversas na busca de soluções para a atual crise. Entre elas, a Educação Ambiental (EA) tem sido apontada como uma das formas de abordagem da temática.

Dias (2002) define EA como um processo contínuo no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência de seu ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornem aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver os problemas ambientais presentes e futuros. Para Reigota (1998), a EA tem sido realizada a partir da concepção que se tem de meio ambiente. No entanto, o termo ‘meio ambiente’ não tem seu significado apenas como conceitos científicos, como nicho ecológico, habitat, fotossíntese, ecossistema, etc. Segundo o autor, meio ambiente é o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam em processos de criação cultural e tecnológica e em processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.

Segundo Carvalho (2004) a EA é uma proposta educativa que surgiu em um momento histórico de falência de todo um modo de vida e busca responder aos problemas impostos por esse quadro. Loureiro (2012) defende uma EA crítica e emancipatória, a qual se refere à práxis social e processo de reflexão sobre a vida e a natureza, contribuindo com a transformação da sociedade.

Dentre os mais diversos setores em que a EA pode ser praticada, sobressaem-se as escolas como espaços privilegiados de informação, construção e produção de conhecimento, desenvolvimento da criatividade e possibilidades de aprendizagens diversas, em que os professores devem trabalhar na perspectiva de visões cotidianas, exercendo um papel muito importante no processo de construção de conhecimentos dos alunos, na modificação dos valores e condutas ambientais, de forma contextualizada, crítica e responsável (REIGOTA, 1998). Na escola, a EA contribui para construção de representações de meio ambiente, possibilitando o acesso a informações que podem auxiliar no desenvolvimento de uma consciência global das questões relativas ao meio.

Nas representações sociais podem-se encontrar os conceitos científicos da forma que foram aprendidos e internalizados pelas pessoas. Uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde também se incluem preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas (REIGOTA, 1998).

Conhecer a representação social do meio ambiente vigente em um grupo social é importante para desenvolver atividades em educação ambiental que respeitem e trabalhem de forma efetiva estes conhecimentos, que já existem e outros ainda por se consolidar, e que acima de tudo promova trocas de conhecimento. Também é recomendado que se deva encarar os temas/problemas ambientais locais em todas as suas nuances, isto é, todos os ângulos possíveis: biológico, econômico, social, cultural, histórico e ambiental (CUNHA; ZENI, 2007).

A importância em se realizar esse tipo de investigação antes de uma intervenção, se justifica devido às dificuldades na condução de projetos em educação ambiental, que muitas vezes são executados sem ter o conhecimento da realidade local, valores, hábitos e, também, de suas necessidades. Essa situação pode acarretar o fracasso do projeto, além de frustrar os educadores ambientais envolvidos.

A extensão universitária possui muitas características que se aproximam dos princípios da EA, como por exemplo, o caráter prático e a vocação para a transformação da sociedade. Além disso, a extensão universitária é compreendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a

pesquisa de forma indissociável.

Através da abordagem das representações sociais, investigou-se quais são as representações de meio ambiente de professores de duas escolas de ensino fundamental, uma pública e outra particular, visando também subsidiar as ações do Projeto de extensão “Educação Ambiental” na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), coordenado e executado por professores e acadêmicos do Departamento de Ciências Biológicas da referida Instituição de Ensino Superior.

MÉTODO

Instrumento da Pesquisa

Foram entrevistados professores de 2 (duas) escolas do Ensino Fundamental, as quais serão denominadas Escolas 1 e 2. A entrevista seguiu um roteiro pré-estabelecido com composto por 9 (nove) questões que versavam sobre a compreensão de algumas especificidades relacionadas a temática ambiental. Antes de se iniciar as entrevistas, os participantes foram informados de que se tratava de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso de graduação, e também, que serviria para subsidiar um projeto de extensão na escola. Também foram informados que em momento algum do trabalho seria revelada a identidade dos participantes.

Houve participação de um total de 14 entrevistados, sendo 8 (oito) professores da escola 1 e 6 (seis) da 2. O tamanho dessa amostra foi estabelecido em função da saturação dos dados obtidos, ou seja, quando relatos começaram a se repetir (BAPTISTA, 2007).

No momento da entrevista, foi solicitada a cada participante a autorização para a gravação da entrevista. As entrevistas tiveram duração média de 15 minutos, sendo gravadas em um computador e transcritas manualmente.

As entrevistas aconteceram individualmente e em local reservado nas escolas. As questões utilizadas para a entrevista foram:

1. Você acredita que vivenciamos uma crise ambiental?
2. De acordo com a sua percepção, quais seriam as causas dessa crise e as possíveis soluções?
3. Para você, a educação ambiental deve ser abordada por uma disciplina específica?
4. Qual é a sua concepção de escola?
5. Qual é a sua concepção de “Meio Ambiente”?
Objetivo: Investigar quais são os elementos que o sujeito relaciona com meio ambiente.
6. Qual é a sua concepção da “Educação Ambiental”?
Objetivo: Investigar se essa concepção se relaciona com conscientizar, resolver problemas, sensibilizar, etc.
Você aborda a temática ambiental em sua prática como professor? Como faz?
7. Objetivo: Verificar o envolvimento do professor em relação à temática ambiental e a sua contribuição para sensibilizar os alunos.
8. A sua prática com a temática ambiental se restringe a sua disciplina/turma ou envolve outras disciplinas/turmas?
9. A iniciativa em se abordar a temática ambiental sempre foi sua ou também já foi de terceiros (direção, coordenação pedagógica, secretaria de educação)?

ANÁLISE DE DADOS

Realizadas as transcrições das entrevistas, iniciou-se a análise das respostas obtidas. A análise dos resultados se deu segundo a abordagem qualitativa de Lüdke e André (1986), os quais recomendam várias leituras das respostas até a “impregnação”. Em seguida, foram criadas categorias de respostas. Os resultados foram organizados em tabelas apresentando frequências absoluta e relativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 trata do perfil dos professores entrevistados. Apresenta informações referentes à faixa etária, tempo de atuação profissional e área de formação. Nota-se que das 14 professoras entrevistadas, 12 são da área de pedagogia e 2 (duas) de letras.

Sabe-se que os profissionais dessa área não possuem em sua formação conhecimentos da área ambiental, embora a Política Nacional de Educação Ambiental (1999) recomende a presença da EA em todos os níveis de ensino. Isso pode levar o professor a encontrar dificuldades em trabalhar a temática ambiental, não por desinteresse, mas muitas vezes por falta de conhecimento na área.

Tabela 1 – Perfil dos professores entrevistados.

Entrevistado	Escola	Idade (anos)	Tempo de profissão (anos)	Formação
A	1	40	15	Letras
B	1	40	23	Pedagogia
C	1	35	7	Pedagogia
D	1	24	2	Pedagogia
E	1	42	23	Letras
F	1	41	21	Pedagogia
G	2	39	5	Cursando Pedagogia
H	2	29	7	Pedagogia
I	2	21	1	Pedagogia
J	2	26	2	Pedagogia
K	2	22	5	Pedagogia
L	2	29	6	Pedagogia
M	2	22	2	Pedagogia
N	2	26	7	Pedagogia

Nesse caso, o que se faz necessário, segundo Santos (1997) é capacitar os professores para que eles possam embasar seus trabalhos com conceitos sólidos e não fiquem distantes dos princípios da EA.

Com relação à primeira pergunta da entrevista, todos os professores concordaram que estamos vivenciando uma crise ambiental, e citaram diversos exemplos, os quais foram categorizados. As categorias com maiores frequências foram a de mudanças climáticas, com 22,73% e poluição, 18,18% (Tabela 2).

Tabela 2 – Categorias ilustrando a crise ambiental.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Mudanças climáticas	5	22,73
Poluição	4	18,18
Queimadas	3	13,64
Enchentes	2	9,09
Outros	8	36,39
TOTAL	22	100

Os resultados demonstram claramente que existe uma percepção da crise. Apesar das dificuldades apontadas, consideramos que a existência dessa percepção se configura importante como primeiro passo para iniciar um trabalho com a temática ambiental, pois reconhece a gravidade dos problemas, dentre os quais encontramos aqueles relacionados ao aquecimento global e à poluição, que têm sido enfaticamente abordados pela mídia (KATAOKA et al., 2009).

Em sequência, os professores responderam a segunda questão, citando exemplos que seriam as causas da crise, conforme a tabela 3.

Tabela 3 – Categorias de causa da crise ambiental.

Categorias	Exemplos de Citações	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Valores	"O desrespeito e o descaso pela natureza." (A). "Supervalorização das coisas materiais." (I).	7	41,18
Falta de cuidado	"Com certeza é o homem, que não está cuidando como deveria da natureza [...]" (C). "Falta de cuidado pelo próprio ser humano, não está respeitando a natureza [...]" (H). "O homem, nosso contato errado com a natureza, as queimadas, o desperdício [...]" (J).	5	29,41
Falta de consciência / Informação	"Falta de consciência das pessoas [...]" (D). "Falta de informação pelas pessoas." (G).	2	11,76
Problemas ambientais	"[...] vejo como sendo a parte das queimadas, das enchentes [...]" (F). "[...] aquecimento global, mal cuidados, fumaças de indústrias, queimadas, dióxido de carbono liberado pelos carros [...]" (L). "O desmatamento, a poluição, o lixo, as queimadas [...]" (N).	3	17,65
TOTAL		17	100

A categoria 'valores' (41,18%) foi a mais citada como causa primeira das ações humanas incompatíveis com a sustentabilidade ambiental, enquadrando-se na corrente moral e ética da EA (SAUVÉ, 2005). Em segundo lugar, verifica-se o descuido do ser humano como causa da crise (29,41%). Podemos dizer que todas as outras respostas trazem implícito o ser humano, mas citar diretamente o homem pode trazer uma imagem muito negativa do mesmo, ao mesmo tempo em que não apontam quais ações desse ser humano são negativas ou prejudiciais.

A categoria ‘problemas ambientais’ foi bastante citada (17,65%) e podemos perceber que ocorreu uma confusão entre a causa da problemática e a própria problemática. Sabe-se que as questões ambientais são divulgadas tanto pela mídia, assim como também são vivenciadas no nosso dia-a-dia. Porém, a mídia não mostra toda a complexidade dos problemas e também não oferece espaço para tratar dessas questões.

A segunda pergunta referiu-se ainda sobre as soluções para a crise ambiental. O item mais citado foi conscientização (Tabela 4). Devemos considerar que esse termo já virou um clichê. Comparando-se a tabela 3 com a 4, percebe-se que a falta de consciência como causa não parece ser um motivo relevante, ao mesmo tempo em que a solução mais citada é a conscientização.

Podemos notar que o item ‘trabalhar valores’ foi pouco citado, se comparado à tabela 2, em que se atribui um grande peso aos valores como causa da crise. Ao cruzar esses dados percebemos uma incongruência entre causa e solução.

Tabela 4 – Categorias de soluções para a crise ambiental.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Conscientização	4	36,36
Ação	2	18,18
Informação	2	18,18
Mudar visão de mundo	1	9,09
Trabalhar valores	1	9,09
Preservação ambiental	1	9,09
TOTAL	11	100

Devemos considerar que o termo ‘conscientização’ já virou um clichê. Comparando-se a tabela 3 com a 4, percebe-se que a falta de consciência como causa não parece ser um motivo relevante, ao mesmo tempo em que a solução mais citada é a conscientização.

É importante lembrar que a EA integra outros valores através de uma nova ética, chamada ética ambiental. Entre esses valores podemos citar: o reconhecimento do direito à vida não humana de existir e a de durar para além das necessidades imediatas do consumo humano, atitude de respeito à prudência com relação à tomada de decisões sobre o destino e o uso dos bens naturais, o acolhimento e a reciprocidade, vividos como norteadores éticos da relação do mundo humano com a natureza (CARVALHO, 2004). Portanto, o trabalho com valores configura-se num enfoque importante na educação ambiental.

Segundo Carvalho (2004), apesar de atualmente todos concordarem com a necessidade de que algo deve ser feito a respeito da crise ambiental, há muitas divergências e disputas entre diferentes pontos de vista sobre o que fazer e como gerir as questões ambientais.

A incongruência entre causa e solução na resposta dos entrevistados reforça que, apesar de todos perceberem a crise, ainda não se tem clareza sobre o tema, o que acaba gerando contradições. Percebemos uma necessidade de aprofundamento nas reflexões.

A terceira questão buscou saber se os professores consideram importante trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar. A maioria dos docentes, 85,71%, concorda que a EA deve ser abordada de maneira interdisciplinar (Tabela 5).

Tabela 5 – Respostas dos professores com relação se a EA deve ser abordada por uma disciplina específica.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Sim	2	14,29
Não	12	85,71
TOTAL	14	100

Uma das maneiras de se trabalhar a interdisciplinaridade é a realização de projetos em EA. Através dessa prática, cada aluno passa a formar sua própria consciência, contribuindo, desta forma, na solução dos problemas ambientais. É importante lembrar que tanto na Política Nacional de Educação Ambiental (1999), como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1997) a temática ambiental deve ser trabalhada transversalmente, ou seja, em todas as disciplinas. Os dados revelaram que os professores em questão adotam esta concepção.

As respostas para a pergunta envolvendo a concepção dos professores sobre escola são demonstradas na tabela 6.

Tabela 6 – Concepção de escola pelos professores.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Formar cidadãos críticos/ conscientes	6	40
Formar os alunos para a vida/ futuro	2	13,34
Construção do conhecimento	2	13,34
Outros	5	33,35
TOTAL	15	100

A concepção da maioria dos professores está ligada à formação de um cidadão crítico (40%). Esta concepção é compatível com uma das correntes da EA, a crítica social. A educação ambiental crítica pressupõe uma série de ações que se adequam perfeitamente ao cotidiano da escola através da busca da transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos recursos de forma justa, solidária e sustentável, relacionando o cotidiano escolar e não escolar na busca de solução de problemas incorporando saberes científicos, locais e tradicionais, entre outros (CARVALHO, 2004).

Na tabela 7, é possível notar que a maioria das citações (52,94%) reduz o ambiente ao “espaço onde estamos; o que nos cerca”. Esse tipo de representação não deixa de envolver uma totalidade, coisa que não acontece com a segunda definição mais citada que envolve apenas o ambiente natural.

Tabela 7 – Concepção de Meio Ambiente dos docentes.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Espaço onde estamos; o que nos cerca.	9	52,94
Aspectos físicos/ biológicos do ambiente (planta, seres interligados, animais, ar).	5	29,41
Nossa vida	3	17,65
TOTAL	17	100

Generalizar o ambiente ao espaço que nos cerca constitui uma simplificação que pode estar negando implicitamente aspectos importantes do ambiente que deveriam ser analisados. Por outro lado, reduzir o ambiente a dimensão natural (física e biológica), exclui o ser humano desse conceito e conjuntamente as dimensões sociais políticas e econômicas. Dimensões estas onde podemos encontrar tanto as causas como as possíveis soluções para a crise ambiental.

Dias (1992) concebe o meio ambiente como envolvendo dimensões naturais, sociais, econômicas, políticas entre outros. Nossos dados não revelaram essas dimensões tipicamente humanas. Reigota (1991) propõe três categorias de concepção de meio ambiente: naturalística, que apenas considera os aspectos naturais; antropocêntrica, que apenas valoriza a natureza se tiver serventia ao ser humano; globalizante, que envolve todas as dimensões proposta por Dias (1992).

Assim, nossos resultados demonstram que as representações sociais das entrevistadas carecem das dimensões que proporcionariam uma reflexão mais crítica e menos ingênua da problemática ambiental.

A tabela 8 revela as respostas sobre concepção de EA, em que “respeitar e cuidar do meio ambiente” foi a mais citada (33,33%). Essa categoria de resposta denota certa ingenuidade por parte dos professores. Carvalho (2004) lembra que tem ocorrido o uso corrente e generalizado da denominação “Educação Ambiental”, a autora salienta ainda que passou a ser usada como um termo genérico para algo que se aproximaria de tudo que pudesse ser acolhido no terreno das boas intenções.

Tabela 8 – Concepção de EA pelos docentes.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Mudar valores	2	11,11
Preservação	4	22,22
Conscientização	4	22,22
Respeitar/cuidar do meio ambiente	6	33,33
Necessário para viver bem (bem-estar)	2	11,11
TOTAL	18	100

A ‘Conscientização’, juntamente com ‘preservação’, é a segunda categoria mais citada (22,22%). Essa categoria traz as mesmas considerações relacionadas à solução para a crise

ambiental. Assim percebemos que a conscientização encontra-se intimamente ligada à EA e, portanto, apontada como solução para a crise. Por outro lado, percebe-se que, embora com pesos diferentes, muitos itens da tabela 4 coincidem com os da tabela 8.

A tabela 9 mostra que a maioria dos professores (92,86%) aborda a temática ambiental em sala de aula com frequência. Segundo os docentes, essa abordagem se dá através de diferentes maneiras (Tabela 10).

Tabela 9 – Categorias dos professores quanto ao abordar ou não a temática ambiental em sua prática.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Sim, com frequência.	13	92,86
Raramente	1	7,14
TOTAL	14	100

Tabela 10 – Abordagens de temática ambiental em sala de aula pelos professores.

Exemplos de abordagens da temática ambiental	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Reciclagem do lixo	4	17,39
Projeto de Biodiversidade	4	17,39
Passeios pela trilha da escola	4	17,39
Através de textos de reflexão, conscientização.	2	8,70
Limpeza da sala de aula	2	8,70
Higiene do ambiente	2	8,70
Conservação	1	4,35
Uso correto de recursos	1	4,35
Diálogos em sala de aula	1	4,35
Trabalha a questão da água	1	4,35
Higiene pessoal	1	4,35
TOTAL	23	100

Os temas mais trabalhados, segundo a tabela 10, são: reciclagem do lixo, projeto biodiversidade e passeios pela trilha. O projeto biodiversidade e passeio pela trilha acontecem na escola particular que se localiza numa chácara e que apresenta em seu PPP uma proposta de trabalho com a temática ambiental. Percebe-se que quando a escola assume a causa, alguns reflexos começam a se fazer sentir.

O tema reciclagem de lixo parece ser um tema recorrente na maioria das escolas, que possui, é claro, sua importância, mas que configura um tema muito restrito se trabalhado isoladamente. Outras abordagens são compatíveis com as correntes recursista, conservacionista e naturalística da educação ambiental. Estas reconhecem o ambiente como um recurso a ser conservado ou, como no caso da trilha, a ênfase está no contato direto com a natureza. Por outro lado, as abordagens citadas não revelam evidências da corrente sistêmica ou crítica que trazem uma concepção de EA mais avançada.

A tabela 11 mostra que a maioria dos professores trabalha a temática ambiental envolvendo outras turmas e disciplinas. Com relação à escola 1, os professores relataram que, no momento, estavam trabalhando com o tema Biodiversidade, onde cada turma ficou com um aspecto do tema. Desta forma, cada turma apresenta seu trabalho para outras turmas, havendo uma interação entre todos os alunos.

Não sabemos se esta fala se reverte na prática destes professores ou se configura em mais um clichê da área pedagógica. Comparando-se este resultado com o das tabelas 8 (concepção de EA) e 10 (abordagem da temática ambiental), em nenhum momento fica evidenciada uma prática ou até mesmo concepção de educação ambiental crítica.

Tabela 11- Categorias dos professores com relação se a temática ambiental se restringe à sua disciplina/turma ou envolve outras disciplinas/turmas.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Envolve outras disciplinas/turmas	12	85,71
Envolve somente a minha disciplina/turma	2	14,29
TOTAL	14	100

Os professores da escola 2 também declararam trabalhar com a temática ambiental, sendo que os professores de determinada série/ano preparam juntos as aulas, com diversos temas, por exemplo, água, a questão do lixo, higiene da sala de aula, etc.

Esses resultados são compatíveis com os apresentados na tabela 5, onde a maioria dos entrevistados demonstrou que EA não deve ser abordada por uma única disciplina, ou seja, a importância em se trabalhar interdisciplinarmente é reforçada em dois momentos dessa pesquisa. Para Gaudiano (2005), a interdisciplinaridade não é a pedra filosofal da EA, mas sim uma forma de reorganizar o conhecimento para responder melhor aos problemas da sociedade.

A tabela 12 demonstra que os professores, em sua maioria (64,29%), não têm iniciativa própria ao abordar a temática ambiental e que esta advém de terceiros, como da direção, da coordenação pedagógica, da secretaria de educação, etc. Esta falta de iniciativa própria pode ser atribuída ao fato de os docentes não possuírem muitos conhecimentos na área de EA, que pode ser estar diretamente relacionada à deficiência na formação.

Tabela 12- Categorias dos professores com relação à iniciativa em se abordar a temática ambiental.

Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Iniciativa própria	5	31,71
Iniciativa de outros	9	64,29
TOTAL	14	100

Verifica-se que a ênfase nessa temática é relativamente recente e emergente, embora não tenha sido acompanhada pelas grades curriculares da maioria dos cursos de nível superior. Apesar da Política Nacional de Educação Ambiental (1999) recomendar que essa temática seja trabalhada em todos os níveis de ensino, essa recomendação ainda não se concretizou e parece já trazer grandes prejuízos para a formação desses profissionais. Esses prejuízos consequentemente se refletem no ensino fundamental e médio e, por consequência, na sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores investigados revelaram perceber que vivenciamos uma crise ambiental, relacionando-a mais fortemente às mudanças climáticas e à poluição, e também demonstraram realizar atividades na área ambiental, em muitos casos numa perspectiva interdisciplinar. A maioria dos professores considerou que a EA não deve ser trabalhada de forma disciplinar e que os mesmos encontram-se sensibilizados com a temática.

Por outro lado, os dados também evidenciaram que os professores não possuem um aprofundamento sobre a área ambiental quando, por exemplo, demonstraram incongruência em relação às causas e soluções apontadas para a crise ambiental. Pôde-se verificar uma incompatibilidade em relação à concepção das escolas, que dizem formar cidadãos críticos, porém as mesmas demonstram uma concepção ingênua de EA fortemente ligadas às perspectivas naturalistas e conservacionistas já superadas pela corrente da EA crítica. Essa falta de aprofundamento pode ser justificada pelas deficiências na formação dos professores a respeito da temática ambiental.

Os resultados indicaram informações importantes a serem consideradas para o início de projetos de extensão universitária em EA nas escolas em nível de ensino fundamental.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. Metodologias de Pesquisa em Ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LCT, 2007.

BRASIL. Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental (DF), Senado Federal. 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 128p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CUNHA, T. S.; ZENI, A. L. B. A representação social de meio ambiente para alunos de Ciências e Biologia: subsídio para atividades em Educação Ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. I+SSN 1517-1256, v. 18, janeiro a junho de 2007. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol18/art04v18a11.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

DIAS, G. F. Iniciação à Temática Ambiental. São Paulo: Gaia, 2002.

GAUDIANO, E.G. Interdisciplinaridade e educação ambiental: explorando novos territórios epistêmicos. In: SATO, M.; CARVALHO, I. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed, 2005.

KATAOKA, A. M. et al. Cidadania e o Pensamento Ambiental na mídia Impressa. In: Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira da Mídia Cidadã, 2009. Guarapuava, 2009. 256-265.

LOUREIRO, C. F. B. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

REIGOTA, M. O que é educação ambiental. São Paulo: Brasiliense, 1991.

REIGOTA, M. Meio Ambiente e representação social. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, E. C. Escola de Educação Ambiental – A Universidade e a Incorporação da Educação Ambiental no Ensino de 1º Grau. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (ORGS). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil. Brasília, 1997.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Org.). Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios. São Paulo: Artmed Editora, 2005. p. 17-46.

WEID, N. V. A formação de professores em Educação Ambiental, à Luz da Agenda 21. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (ORGS). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil. Brasília, 1997.

Artigo recebido em:
26/06/2014

Aceito para publicação em:
26/09/2014

